

## 6 Conclusão

*“Encontro-me como sempre, inserido num grupo,  
com o qual avanço, cercado dos mais jovens. (...)  
Não sou eu, mas eles que terão oportunidade de encontrar uma resposta.  
Eu vou ficando por aqui. A história continua”*  
Georges Duby<sup>1</sup>

### 6.1 Porém, já nascemos livres

A intenção dessa pesquisa, ao investigar as heranças políticas transmitidas de uma geração para outra, foi construída para além da busca de continuidades e rupturas entre gerações, na percepção que, entre essas gerações, há um *bastão geracional* transmitido, constituído por símbolos, valores e conceitos que fazem parte de uma cultura política. Entre a geração de pais militantes e a geração de seus filhos, a transmissão desse bastão ocorreu, segundo os depoimentos obtidos, através dos canais habituais de socialização, mas também através da memória.

“Assim, a invenção dos lugares de memória; as políticas de conservação do patrimônio; as culturas do museu e suas estratégias de utilidade; os ritos de comemoração e inauguração; os jubileus; os monumentos; as representações do passado na historiografia, na literatura e no cinema; colocam-se, no nosso entender, no centro das problemáticas de criação, consolidação, difusão e cristalização das culturas políticas. E a sua aquisição e interiorização, tal como consideramos, se inserem também nas motivações do político”<sup>2</sup>.

Na leitura de Daniel Cefai, a consolidação das culturas políticas pressupõe rotas de colisão a partir da relação triangular entre experiência, sensibilidade e sociabilidade. Nesse processo está em jogo muito mais que influências transmitidas nas zonas de abrangência entre as culturas políticas, mas a autonomia de aceitá-las, ou não, a partir de experiências referidas a um determinado contexto histórico. O processo certamente não é exclusivamente consciente e, por isso mesmo, as

---

<sup>1</sup> DUBY, G., *A história continua*. p. 158.

<sup>2</sup> DUTRA, E., op. cit. Pp. 26-27.

sensibilidades e sociabilidades completam a equação. Os dados de uma experiência política serão contextualizados e conceituados no momento em que são atualizados e pelos que vivenciam essa atualização. No diálogo entre a tradição e o contemporâneo, a experiência política é conceituada no presente.

No entanto, são diferentes os resultados da transmissão de uma tradição política feita a partir da narrativa da memória, especialmente se realizada de pais para filhos. Uma identificação transgeracional é, certamente, intensificada pelos laços afetivos do meio familiar e os vínculos são reafirmados quando uma geração se reconhece nas experiências da outra e passa a compartilhar os valores que motivaram as ações inscritas no universo do político. Nesse contexto, as noções de engajamento, de entrega, de luta por ideais, intensificam ainda mais esse processo, que não exclui continuidades e também rupturas.

É compreensível, portanto, que, quando crianças, os filhos de militantes se percebessem como “de esquerda”, defendessem as posições políticas dos pais e adotassem seus candidatos. Essa memória de infância refere-se, na maioria dos casos estudados, a um período político brasileiro muito específico, marcado pelo início de reconstrução da democracia. Uma época especialmente relevante para quem se engajou na luta contra o sistema que, por vinte anos, suprimiu o direito de voto e o direito à liberdade de escolha, com seus muitos sentidos de atribuição. As eleições de 1989 marcaram, para muitos ex-militantes, o momento do primeiro voto, tal como dizia a canção de campanha do candidato do PT. Sujeitos com muito mais que 18 anos, depois de anos de luta e de espera, votavam para presidente pela primeira vez. A geração de seus filhos era levada para as campanhas, subia nos palanques, participava das passeatas nos ombros dos pais. As noções de esquerda e de direita, a simbologia da cor vermelha, os discursos sobre a oposição rígida entre capitalismo e comunismo ganharam um horizonte de sentido e sofreram mais tarde algumas contextualizações.

Se, internamente, o país vivia um momento político bastante particular, externamente, o cenário internacional mostrava-se igualmente delicado, no qual a lógica de um mundo dicotômico entrava em sua fase final, com a diluição do bloco soviético. Nas memórias da geração de filhos de militantes, a disputa eleitoral de 89 ganha o status do grande evento histórico do momento e não estão tão presentes, em suas formulações, acontecimentos como a queda do Muro de Berlim. Mas as entrevistas assinalam a consolidação do discurso neoliberal de diluição das fronteiras políticas e econômicas. Já no momento de consolidação autônoma de suas próprias

identidades, os entrevistados constataam a construção da lógica de um mundo globalizado, simbolicamente representado pela velocidade, pela aceleração do tempo.

Foi no período da adolescência que essa geração localizou suas primeiras empreitadas e dilemas políticos, intensificados nos anos de faculdade, nos quais sua própria militância ganhou mais consistência. A militância estudantil que praticaram se distingue, nas suas formas de atuação e de organização, daquela de organizações políticas estudantis de outras épocas. Muitos entrevistados citam como positivos exemplos de estruturas sem hierarquia, sem cargos e sem vínculos com partidos políticos. No histórico do movimento estudantil brasileiro do tempo de militância de seus pais dificilmente se encontrará um DCE sem presidente, ou com vinte presidentes, Centros Acadêmicos sem cargos bem definidos, uma estrutura de trabalho em comissões.

No processo de definição autônoma das identidades políticas dessa geração o discurso neoliberal era sólido, erguido como uma fortaleza de difícil penetração. Nas negociações estabelecidas com *outros* e com *próximos*, nesse processo, esteve presente a concepção de um mundo globalizado, a pressão do ingresso no mercado de trabalho e também a afirmação do princípio da liberdade em outras associações, distintas daquelas que presidiram a juventude de seus pais, como na construção de suas famílias, na escolha do voto, nos relacionamentos amorosos, nos laços afetivos de amizade e com familiares.

Em 1989 o tema do fim das utopias estava em pauta, mas na virada do século não eram sequer cogitadas novas possibilidades de aspirações, de expectativas, o que não deixa de ser uma ironia quando, em 2003, o Brasil experimentou ao menos o que, para muitos, foi a concretização de um sonho, de uma grande expectativa há muitos anos projetada. Quando Lula assumiu a presidência da República, mais de uma geração vibrou com essa vitória política. Mas, como diz o ditado, quanto maior o salto mais forte a queda e, diante de tamanha expectativa, grande foi a desilusão de várias gerações com o primeiro governo do PT. Com a decepção política, uma nova fase de identificação com esse universo parece ter tido início, e a noção de política foi ampliada para além do plano institucional.

Não parece uma tarefa fácil traçar o perfil da cultura política de uma geração inscrita fortemente sob o signo do *eu*, do individual. A falta de projetos coletivos dificulta a noção de que há, entre os sujeitos, uma identidade comum que os caracterize como parte de um grupo coeso e sólido, no que diz respeito ao universo do

político. Possivelmente, é algo que ainda está em construção, mas as entrevistas permitem captar alguns sinais de seus possíveis direcionamentos.

De todas as heranças que pudemos traçar, uma em particular fala mais alto. Em se tratando de uma pesquisa sobre memória, no conjunto dos depoimentos, certas palavras usadas soam diferentes e algumas são ouvidas mais vezes que outras. A recorrência da palavra e do tema da *liberdade* é uma marca das entrevistas e nela identificamos a herança mais expressiva assumida por essa geração. Se houve um denominador comum entre os entrevistados, foi o apreço manifestado pela possibilidade de exercer diariamente liberdades de escolha. Até as escolhas mais básicas, como as roupas que vestem, as músicas que ouvem, o que assistem na televisão são valorizadas como expressão de um núcleo de compreensão do que é liberdade.

Não é exatamente a noção de liberdade presente na luta travada pela geração de seus pais, mas faz parte da percepção de sociedade democrática onde essa geração se desenvolveu, da qual seus pais, no período de suas juventudes, não puderam usufruir. Valorizam essa diferença quando percebem os contrastes políticos entre as duas gerações e, na compreensão de que vivem numa época de liberdade, aceitaram o bastão geracional, sem o peso que ele um dia comportou. Experimentaram, inclusive, essa liberdade em casa, e esse foi um outro denominador comum entre os entrevistados, pois muitos expressaram jamais terem sentido qualquer pressão dos pais no sentido de se engajarem em algum tipo de militância. As cobranças, nesse sentido, aparecem a partir dos próprios filhos de militantes, cobradores de si mesmos de posturas mais politizadas, mais engajadas, menos alienadas, e seus pais não pareciam dar tanta importância se os filhos eram ou se viriam a ser militantes. No entanto, o *trabalho* foi feito para que o livramento da culpa acontecesse.

“Depois de muito tempo posso dizer que cortei, em termos o cordão com a minha mãe. Sempre foi muito difícil lidar com a força dela, pois sempre a vi assim, como uma força. Mas depois de um tempo eu me libertei, e em muitos sentidos, inclusive sexualmente, que me parece muito importante nesse processo. Acho que isso fez com que eu respeitasse mais a mim mesma, e a minha geração”<sup>3</sup>.

“Sempre achei o jeito da minha mãe muito engraçado, porque ela é capaz das colocações mais radicais, e ao mesmo tempo é muito generosa com o momento político, com o que tá [sic] acontecendo. Acho que eu tento ser também, porque senão a gente enlouquece. Se ficar buscando um signo de militância radical não se vive, mas é possível trabalhar que ele não extinto por completo. Meu pai até hoje

---

<sup>3</sup> Entrevista de “Juliana”. Depoimento concedido em 5 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

estuda o socialismo, na crença de que uma coisa que ele acha tão bonita deve ser preservada e praticada. Cabe estudar, batalhar por isso, mas não acho que seja absolutamente inviável”<sup>4</sup>.

Ao se sentirem livres, os filhos de militantes apreciam que suas escolhas estejam relacionadas ao cotidiano; se o grande dilema do dia for que roupa usar, ele é tão valorizado quanto a decisão que seus pais tiveram que enfrentar entre pegar em armas ou não, porque o que está em jogo é, também, a liberdade. Percebem como positiva a possibilidade de não ser feito um juízo de valor coletivo, mas subjetivo, sobre ser engajado ou alienado e, por isso, essa geração reconhece oscilar entre esses dois pólos.

As entrevistas permitem identificar os vários “sins” que presidem as escolhas dessa geração, e os entrevistados pela pesquisa parecem confortáveis com essa positividade. As diferentes formas de negociação com a realidade, dignas de sociedades presididas por códigos próprios de ideologias individualistas, mencionadas por Gilberto Velho para caracterizar os projetos que expressam identidades e se ancoram na memória<sup>5</sup>, lhes parecem satisfatórios, desde que garantida a pluralidade e preservado o princípio de liberdade, inclusive para reavaliar e refazer projetos de vida. Transitam entre diferentes formas de socialização e assinalam, nas entrevistas, que não se deixam tolher por conflitos morais em relação às suas escolhas. Situam essas escolhas no mundo político, cultural, social e econômico com os quais negociam, não isolam esses vários âmbitos e não se obrigam a nenhum tipo de ortodoxia ou rigidez de convicções. Mesmo no desconforto em relação ao mercado de trabalho, o âmbito mais temido por essa geração, identificam formas de atuação e flexibilidade para mudanças que não percebem nas gerações que os precederam. Consideram possível manter um escritório em casa, ser dono do próprio negócio, trabalhar à distancia, atuar em diferentes projetos ao mesmo tempo, mudar mais de uma vez o rumo de suas vidas profissionais, serem homossexuais, bissexuais, e conseguir conciliar a vida profissional com o projeto de casamento e da formação de suas próprias famílias.

Por isso tudo, quando os entrevistados afirmam se identificar com uma posição de “esquerda” diante do mundo, associam a ela o fato de se perceberem como adeptos de um discurso voltado para a discussão do social, do humano, capazes de

---

<sup>4</sup> Entrevista de “Marília”. Depoimento concedido em 2 de junho de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> VELHO, G., op. cit.

buscar rotas “alternativas” para a concretização desse discurso. Ser de “esquerda” deixou de ser lido por essa geração, de acordo com os depoimentos colhidos, como um conceito de vocação política, e passou a ser compreendido como uma leitura de mundo. A discussão teórica e intelectual que seus pais fizeram do termo é valorizada e foi em parte assumida por essa geração, mas o pragmatismo da política prevaleceu, e “ser de esquerda” hoje, para a maioria dos entrevistados, é mais uma forma de se colocar no mundo do que uma posição política de voto, de partido, de ideologia.

Além disso, lêem os portugueses<sup>6</sup>, os brasileiros<sup>7</sup>, os latino-americanos<sup>8</sup>, os pensadores políticos<sup>9</sup> e a filosofia alemã<sup>10</sup>. Assistem aos filmes que interessaram à geração de seus pais<sup>11</sup> e aos que são feitos pela sua<sup>12</sup>; fazem cinema<sup>13</sup>. Adoram novelas<sup>14</sup>, minisséries americanas<sup>15</sup> e seriados de TV<sup>16</sup>. São, sobretudo, professores<sup>17</sup> e pós graduandos<sup>18</sup>. Desapontaram-se com a política, mas acreditam em outras formas de revolução. Identificam-se com os discursos dos poetas de sua geração e se perguntam que país é esse<sup>19</sup>. Alguns de seus heróis morreram de overdose, outros de AIDS<sup>20</sup>. Afirmam que mudar no dia a dia muda um pouco do sistema<sup>21</sup>. Não querem só dinheiro, nem só comida, nem só felicidade<sup>22</sup>.

---

<sup>6</sup> Referência a José Saramago, Fernando Pessoa, Camões nas entrevistas de “Clarice”, “Leonardo”, “Nina”.

<sup>7</sup> Referência a Darcy Ribeiro, Guimarães Rosa, Fernando Morais, Jorge Amado, Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Josué de Castro dos entrevistados “Marina”, “Leonardo”, “Pablo”, “Camila”.

<sup>8</sup> Referência a Gabriel Garcia Marques, Eduardo Galeano, Roberto Bolaño, Jorge Luis Borges dos entrevistados “Leonardo”, “Clarice”, “Pablo”.

<sup>9</sup> Referência a Michel Foucault, Karl Marx, Gilles Deleuze dos entrevistados “Marina”, “Nina”, “Luis”, “Olga”.

<sup>10</sup> Referência a Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin dos entrevistados “Clarice” e “Maria”.

<sup>11</sup> Referência a Pedro Almodóvar, Michelangelo Antonioni, François Truffaut dos entrevistados “Juliana”, “Maria”.

<sup>12</sup> Referência a Beto Brant, Marcelo Gomes, Helvécio Raton dos entrevistados “Camila”, “Pablo” e “Maria”.

<sup>13</sup> A entrevistada “Juliana” estava completando seu primeiro longa no período da entrevista. “Maria” chegou a produzir cinema.

<sup>14</sup> Referência a Vale Tudo, Roque Santeiro dos entrevistados “Maria” e “Fernando”.

<sup>15</sup> Referência a Lost, True Blood, Dexter dos entrevistados “Maria” e “Fernando”.

<sup>16</sup> Referência a Anos Rebeldes dos entrevistados “Maria”, “Fernando”, “Nina”, “Bruno”, “Olga”.

<sup>17</sup> “Flora”, “Leonardo”, “Maria”, “Bruno”, “Pablo”.

<sup>18</sup> “Marina”, “Luiza”, “Olga”, “Nina”.

<sup>19</sup> Referência à canção “Que país é esse?” da Legião Urbana citada na entrevista com “Olga” e “Luiza”.

<sup>20</sup> Referência a Renato Russo, Cazuza, Betinho das entrevistadas “Nina” e “Luiza”.

<sup>21</sup> Referência à canção “Caio no suingue” de Pedro Luis e a Parede citada na entrevista com “Pablo” e “Luiza”.

<sup>22</sup> Referência à canção “Comida” dos Titãs citada na entrevista com “Luiza”.

Inscrevem seus conflitos na lógica de um mundo que tenta cada vez mais impor o discurso da impossibilidade de mudanças e da construção de trajetórias a partir de uma única via de atuação, fortemente voltada para o mercado de trabalho.

Quanto a mim, como historiadora, e parte dessa geração, parece-me difícil aceitar a ideia de um mundo imutável, onde são dadas como encerradas as possibilidades de atuação a partir de outras construções de pensamento, senão somente aquelas percebidas no discurso neoliberal. Afinal, na percepção de um processo feito de rupturas e continuidades é construída a história e, para o futuro, sempre incerto e impreciso, ainda são projetadas expectativas.

No discurso de outros dois historiadores encontrei a reflexão sobre os rumos da história na contemporaneidade e, por isso, as formulações de Koselleck pareceram especialmente apropriadas, quando afirma que, na globalização são destruídas identidades mas, ao mesmo tempo, outras identidades são criadas<sup>23</sup>. Ainda é cedo para precisar as direções desse processo, mas não é possível subestimá-lo e desconsiderar que estão em curso discussões a respeito de possíveis formas de negociação com o mundo globalizado e de novas perspectivas de atuação.

No semestre que se seguiu ao 11 de setembro, o professor Leandro Konder ministrou uma aula inaugural, no auditório da PUC-Rio, e discursou sobre o início da sua vida acadêmica. A palestra marcava a abertura de um novo período, para muitos o começo da vida universitária. Um dos momentos que considero marcantes dessa palestra foi quando lhe perguntaram sobre os significados da queda das torres do World Trade Center. Uma das interpretações dadas pelo professor foi que ele não sabia o que aquilo poderia representar mas que, possivelmente, não representaria nada de definitivo. O impacto da imagem e da notícia comoveu o mundo, mas não seria a causa de nenhuma mudança efetiva e significativa. Ele terminaria em si mesmo. Da forma como o capitalismo estava desenvolvido, mesmo que o ataque às Torres Gêmeas tivesse o intuito de ser um protesto contra esse sistema, dado duvidoso para Konder, o fato seria absorvido e entraria na lógica de negociações do mundo neoliberal. Como exemplo, citou como o rosto de Che Guevara virou um produto mercantil do sistema que o guerrilheiro lutou para combater, e isso nem é mais motivo de reflexão. Já está amplamente aceito, divulgado e consumido.

---

<sup>23</sup> JASMIN, M. G., e FERES, J., (orgs). op. cit. p. 165.

Ao argumento de Konder somei a interpretação que dei ao artigo de Giovanni Levi a respeito do incômodo do autor com a produção de um discurso neoliberal da história. Levi inicia sua discussão citando François Furet, na conclusão no livro *Le passé d'une illusion: l'idée d'une autre société est devenue presque impossible à penser (...) Nous voici condamnés à vivre dans le monde où nous vivons*<sup>24</sup>. Apesar de tudo, no final de uma ilusão pode haver uma visão otimista, pois somos obrigados a nos defrontar com um mundo mais real e mais humano, sem messianismos de qualquer espécie. Passamos a viver no presente, não mais no passado, ou na promessa do que um dia poderá vir a acontecer. É positiva, portanto, a possibilidade de seguirmos adiante com o que temos, e fazermos novas negociações do passado com o novo presente. De todo modo, não parece haver reflexões positivas sobre a abertura de espaços para muitas negociações em um mundo que quer descartar qualquer manifestação de outras ilusões.

Encontrei dentro de casa uma camisa antiga, muito velha, daquelas que não jogamos fora mesmo sem saber ao certo porque. A camiseta é bem típica de cidades turísticas nordestinas, sempre muito bem humoradas com elas mesmas e com seus visitantes. Na estampa se diz: “10 coisas que você nunca vai ver”. Entre elas afirma-se que jamais será visto uma baiana de acarajé assaltada, nem um presidente negro, nem um piloto de formula 1 negro, nem tão pouco uma mulher presidente. Sobre a baiana, não posso fazer afirmativas com muita convicção, mas os outros três itens estão ativamente presentes na contemporaneidade e o que há dez, quinze, vinte anos era imaginável hoje não parece mais impossível, pois ainda estão rolando os dados, e se o tempo não para, a história muito menos.

Nos momentos finais de escrita desta tese, o canal “Viva” da Rede Globo reprisava a minissérie “Anos Rebeldes”, muito mencionada entre os entrevistados também muito significativa na minha trajetória. Resolvi revê-la. Interessante como o Brasil retratado pela minissérie, tão próximo histórico e academicamente me pareceu distante e longínquo. Lembro de perguntar para minha bisavó porque meu biso e minha mãe brigavam tanto e, com toda paciência para explicar a uma criança do que se tratavam aquelas discussões, ela resumiu que um queria o branco, o outro o preto, e que eles não se misturavam. Não importa quantas vezes reveja a minissérie, e já

---

<sup>24</sup> LEVI, G., op. cit. p. 25.

foram muitas, continuo inconformada com a separação definitiva de Maria Lucia (Malu Mader) e João Alfredo (Cássio Gabus Mendes), mesmo depois da anistia, com a ditadura perto do fim. A dificuldade de entender as desavenças políticas entre minha mãe e o restante da família era a mesma incompreensão sobre a impossibilidade de duas pessoas apaixonadas não conseguirem, finalmente, ficarem juntas. Minha mãe me explicava, na época de lançamento da minissérie, que o amor entre uma individualista e um comunista era impossível, inviável para o período. Jamais daria certo. Pois, já que “está tudo misturado”, e que o branco e o preto se diluíram, hoje, com resíduos da adolescência que sempre deixam rastros, me sinto romanticamente feliz em viver num mundo onde as “lucias” e os “joãos” possam ter finais mais felizes.

Desfrutar os deleites de toda essa liberdade não deixa de transparecer uma angústia eloquente, um sentimento de insatisfação desta geração, que parece estar em busca de alguma coisa, de qualquer coisa que a impulsione, provoque, a coloque em movimento.

“Meu medo é me acomodar. Acho perigoso a gente se dar por satisfeito em relação ao mundo, à vida, ao que nos cerca. É preciso não perder a capacidade crítica, do valor da crítica, da autocrítica. Esse é o meu maior medo”<sup>25</sup>.

“Meu medo é me aburguesar demais, totalmente. Acho isso assustador! Vejo o discurso da classe média da Zona Sul cada vez mais fascista e excludente, feito de maneira sutil, escondida, e de repente quando a gente vê tem campanha para pena de morte no Facebook. Fico atenta a isso, porque é fácil acontecer. Essa é uma resistência que me imponho, que me mantenho atenta comigo mesma”<sup>26</sup>.

“Meu medo é direcionado para um movimento fascista que acho cada dia mais evidente na nossa sociedade. Os discursos do Estado que ganham ecos na sociedade como ações do BOPE, UPP’s, não são confrontados, não são discutidos de dentro para fora. As grandes bandeiras se tornaram coisas esquecidas, coisa que não se fala mais. Ninguém levantou a bandeira da educação, da reforma agrária, da saúde, nas eleições. Os debates foram de baixíssimo nível de discussão política. Só se fala da emancipação da população à classe média. Mas isso basta? Como ficam as questões mais básicas? Disso eu tenho medo”<sup>27</sup>.

A militância estudantil trouxe para muitos entrevistados a sensação de estarem construindo um movimento provocador de questionamentos, e a ausência dela parece ter deixado, em alguns, um vazio e um silêncio. Muitos se mostram conformados em

---

<sup>25</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>26</sup> Entrevista de “Marília”. Depoimento concedido em 2 de junho de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>27</sup> Entrevista de “Marina”. Depoimento concedido em 13 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

relação às possibilidades de atuação na contemporaneidade, consideradas escassas causas motivadoras, e esgotadas as práticas mais tradicionais. É preciso considerar igualmente que atravessam a fase de negociações com *próximos* e com *outros*, e como qualquer sujeito adulto estão se inserindo no mercado de trabalho, formando suas famílias, construindo uma carreira. Tentam preencher esse vácuo deixado pelo esvaziamento da militância na procura por uma atividade de rendimento financeiro “alternativa”, um ofício que lhes possibilite estabilidade e independência que não esteja absolutamente imerso na lógica de mercado globalizado e neoliberal.

É possível sermos homens revoltados no neoliberalismo? Vivemos num tempo com possibilidades de *nãos* inaugurais? Há possibilidades, hoje, para uma experiência comum? No rastro de Koselleck, ainda teremos que aguardar as cenas dos próximos capítulos. Porém a certeza da incerteza preciosa que qualquer processo histórico nos oferece nós podemos ter, pois *o futuro permanece escondido até dos homens que o fazem*<sup>28</sup>. Quando perguntado aos entrevistados se as noções “esquerda” e “direita” faziam algum sentido, e se eles se reconheciam em alguma delas, nem todas as ponderações feitas os fizeram rejeitar que não só as reconhecem como a grande maioria se percebe de esquerda<sup>29</sup>. Parece ser uma aposta esperançosa desta geração, filosófica para Leandro Konder, *na capacidade que os seres humanos ainda, se mostrarão, de superar o capitalismo, de edificar uma sociedade mais justa, mais livre e mais feliz*<sup>30</sup>. Diferentes de Konder, os filhos de militantes não se reconhecem como comunistas hoje, mas também não deixam de refletir sobre como ser possível construir uma outra sociedade mais justa, mais livre e mais feliz. Afinal, a felicidade não é um valor pelo qual se vale à pena lutar?

De todo modo, e acima de tudo, a noção do valor de liberdade é percebida como a herança mais apreciada por essa geração de filhos de militantes, não somente porque, em certa medida, foi por isso que seus pais lutaram, mas porque assim como Franklin Martins, também não tenho dúvidas que o Brasil é muito melhor hoje do que há trinta anos atrás, e arrisco ter certeza (se isso é possível para um historiador) que neste dado estão postas relações com a luta travada por sua geração, pois mesmo declarada sua derrota, a luta em si valeu, e ainda tem o seu valor. O Brasil é também

---

<sup>28</sup> FRANCE, A. citado em *Les annés folles*. p. 47. (tradução minha).

<sup>29</sup> Com exceção de Alice, que se reconhece sem grandes posições políticas, e Flora, que não se reconhece nem em um, nem no outro

<sup>30</sup> KONDER, L., op. cit. p. 7.

melhor hoje porque outras gerações despertaram para a atuação política, consolidada na valorização da democracia que tornou possível experimentar outras práticas de militância e fazer diferentes negociações com o universo do político. Valorizar a democracia consiste nesta geração de filhos de militantes uma construção de valor feito de dentro para fora. Herdaram o senso de importância que têm direito à liberdade, nos mais variados sentidos que a ela podemos atribuir, mas consolidaram o valor da democracia a partir de suas próprias experiências. Soam significativas as menções desta geração à busca por um “estilo de vida alternativo”, pois reconhecem a importância de dialogar com o mundo onde vivem, mas do qual rejeitam certas implicações. Mesmo que não saibam ou saibamos como viabilizar efetivamente tais vias alternativas, a tentativa já parece promissora.

*Vou ficando por aqui. A história continua<sup>31</sup>.*

---

<sup>31</sup> DUBY, G., op. cit.